

Ernst Hasenclever

Viagem do Rio de Janeiro a São Paulo (1837-1844)

Débora Bendocchi Alves*

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar ao público brasileiro o diário de viagem e os desenhos do comerciante alemão Ernst Hasenclever sobre a sua estadia no Brasil entre 1837 e 1844. Trataremos aqui da sua primeira viagem do Rio de Janeiro a São Paulo na Páscoa de 1838.

Palavras-chave: diário de viagem; ilustração; século XIX.

Abstract: The article's aim is to present to the Brazilian public the travel journal and drawings from German merchant Ernst Hasenclever about his stay in Brazilian between 1837 and 1844, with particular focus on his first voyage from Rio de Janeiro to São Paulo, on Easter 1838.

Keywords: travel journal; drawings; 19th Century.

Chegaram-me às mãos, por intermédio dos descendentes de Ernst Hasenclever, comerciante alemão que morou no Brasil entre 1837 e 1844, inúmeros desenhos - mais de 100 - e muitos cadernos de seu diário contendo relatos pormenorizados do tempo que permaneceu no país documentando sua estadia na cidade do Rio de Janeiro, sua viagem a São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Cuba e Nova York, última cidade visitada, antes de seu retorno à Alemanha. A referida documentação é propriedade da família e ainda desconhecida do grande público, mesmo na Alemanha.

O diário de Ernst Hasenclever, composto de 10 cadernos, é de difícil leitura, por ter sido escrito em *Kurrentschrift* - antiga escrita alemã - mas é interessante e rico em detalhes.¹ Nesse sentido, os dois cadernos de desenho a lápis com mais de 100 paisagens de cidades e vilas do Brasil, nos encantam à primeira vista e merecem nossa atenção. São desenhos despretensiosos, com falhas de proporção e perspectiva, sem a qualidade artística dos pintores europeus que visitaram o Brasil no século XIX. Porém, constituem um precioso achado, pois são imagens de pequenas vilas e lugares do Brasil pouco retratados. O objetivo de Ernst de apresentar a seus parentes da Alemanha, através de relatos e desenhos, o país desconhecido no qual viveu e trabalhou durante sete anos, alcançou sua finalidade.

Ernst Hasenclever (1814-1869) pertencia à tradicional família de comerciantes bem sucedidos da cidadezinha de Ehringhausen, localizada no antigo centro industrial de produtos de cutelaria de Remscheid e Solingen, no Ducado de Berg, hoje Estado da Renânia do Norte Vestfália.² Na cidade de Remscheid, eram produzidas sobretudo ferramentas pequenas, como foices, gadanhas, serras, machados, machadinhas e limas. Já em Solinger, predominava a produção de ferramentas próprias para cortar, tais como faca, tesoura, espada e sabre. Durante o século XVIII, os produtos dessa região eram considerados de muito boa qualidade e, junto com os tecidos de Wuppertal, sua exportação atingiu proporções consideráveis. Os produtos têxteis de Wuppertal eram exportados para a França, Países Baixos, Inglaterra e para o Novo Mundo em navios holandeses e ingleses. Já os produtos de ferro de Remscheid eram adquiridos pela Espanha, Itália, França e, através dos Países Baixos, pelo Novo Mundo.³

O avô de Ernst, Bernhard Hasenclever, fundou em 1786 em Remscheid-Ehringhausen com os seus três filhos, Bernhard, David e Josua, uma firma, a *Joh. Bernhard Hasenclever & Söhnen*, que desde 1791, exportava para a França, Espanha e Portugal, pequenos produtos de ferro e aço industrializados.⁴ Muitas vezes, o sortimento incluía tecidos fabricados nas redondezas, como cordas, fitas e barbantes fornecidos pela firma *Abraham & Gebr. Frowein* de Wuppertal. Apesar das dificuldades existentes, tais como a falta de uma unificação política das regiões, que passaram mais tarde a fazer parte do Império Alemão, e a não posseção de

* Doutora em História, professora do Instituto de História Ibero-Latinoamericana da Universidade de Colônia, Alemanha. Email: debealves@arcor.de.

¹ Graças à boa vontade da bisneta de Ernst Hasenclever que ainda domina esta escrita, uma parte do diário foi lida e gravada e, por um profissional, transcrita. Agradeço a Sra. Regina Harlfinger por ter colocado a minha disposição esta transcrição e toda a documentação pertencente à família Hasenclever.

² Sobre a família Hasenclever ver JUNG, Michael. „Josua Hasenclever – Unterhenmer und Gestalter der Moderne“. In: BEECK, Karl-Hermann (Hg.). *Bergische Unternemngestalter im Umbruch zur Moderne*. Neustadt/Aisch, Schmidt, 1996; p.163-214.

³ OEHM, Hans-Joachim. *Die Rheinisch-Westindische Kompagnie*. Neustadt an der Aisch, Ph. C. W. Schmidt, 1968; p. 11.

⁴ RINGEL, Hermann. *Das Geschäftsarchiv der Exportfirma Joh. Bernhard Hasenclever Söhne, Remscheid-Ehringhausen Gegründet 1. Mai 1786*. Remscheid 1970: p. 7

colônias, os comerciantes do Ducado de Berg, sobretudo os de Remscheid, conseguiram desenvolver, a partir de meados do século XVIII, relações comerciais transatlânticas bastante vantajosas.

A Revolução Francesa trouxe várias mudanças políticas e, com elas, muitas desvantagens ao próspero desenvolvimento comercial da região. Em 1794, com a ocupação francesa da região localizada à margem esquerda do rio Reno, o território à direita foi declarado “estrangeiro” e, conseqüentemente, passou a pagar impostos de importação e exportação. Essa medida atingiu diretamente a economia do Ducado de Berg, localizado à direita do rio Reno. Além disso, a decisão dos franceses de desenvolver sua indústria têxtil e de ferro para se tornarem independentes da produção estrangeira trouxe, como conseqüência, um aumento exagerado dos impostos sobre as importações desses produtos. Com isso, as regiões alemãs situadas à esquerda do Reno, e então consideradas território francês, obtiveram grandes vantagens econômicas, o que não aconteceu com as regiões à direita do rio como, por exemplo, Remscheid e seus arredores. Ao perderem seus mercados consumidores na França, nos Países Baixos, na Itália e Espanha, as indústrias do Ducado de Berg foram duramente atingidas. O desemprego e, conseqüentemente, a emigração, tomaram conta da região.⁵ Através do decreto de 30 de abril de 1806, ficou proibida a importação, pela França, de tecidos de algodão, produtos de cutelaria e mechas para candeeiro. Praticamente todo o comércio com a França foi interrompido e, como a região de Berg efetuava suas transações comerciais com a Espanha e América do Norte através da França, toda a exportação destinada a essas regiões foi suspensa. A situação piorou ainda mais com o Bloqueio Continental, promulgado por Napoleão, em novembro de 1806 e sobretudo em 1810, com a expansão francesa em toda a região do Mar do Norte, quando os comerciantes de Berg perderam, além de seus últimos mercados consumidores, o seu já reduzido comércio transatlântico efetuado através de Hamburgo e Dinamarca.⁶

Com a expulsão dos franceses e o fim do Bloqueio Continental, o mercado europeu foi aberto ilimitadamente aos produtos ingleses, principalmente aos tecidos de algodão e às ferramentas de ferro. Os Estados alemães viram-se desprotegidos e sem meios de enfrentar a concorrência inglesa já que não havia proteção aduaneira externa para a região. O Ducado de Berg não tinha condições, após anos de estagnação econômica, de concorrer com os produtos ingleses, obrigando e seus comerciantes a se voltarem para o mercado não-europeu.⁷

Em 8 de maio de 1821, para tentar contornar a difícil situação em que se encontrava a região, Josua Hasenclever junto com outros comerciantes de Wuppertal e arredores, fundaram a *Rheinisch-Westindische Kompagnie* (Companhia Renana das Índias Ocidentais), que procurava abrir novos mercados para os seus produtos em territórios ainda não dominados pelo comércio inglês. A *Companhia* voltou-se primeiramente para o Caribe, mas seu objetivo era conquistar os mercados das antigas colônias portuguesas e espanholas. Os resultados, aquém do esperado, caracterizando seu insucesso, levaram-na à sua dissolução em 1831, sem ter conseguido penetrar nos novos países latino-americanos. Depois desta experiência, Josua Hasenclever decidiu dar um passo maior e fundar, por conta própria, filiais de sua firma em várias cidades.⁸

Assim, apesar das dificuldades, a firma se expandiu durante a primeira metade do século XIX, conquistou outros mercados e diversificou sua produção. Desde 1819, os Hasenclever mantinham transações comerciais com Boston, Nova York, Baltimore, Philadelphia, Havana e Rio de Janeiro. Além da casa comercial, a família possuía suas próprias forjas, seis na região de Remscheid (Altenhammer, Johanneshammer, Kellershammer, Huttenhammer e Ehringhauser Hammer e, mais tarde, a Lüttringhauser Hammer). Nessas, era produzido aço, utilizado, em grande parte, para fabricar foices, lâminas, serras, e objetos de cutelaria.⁹ Após a Independência do Brasil em 1822, a firma começou a exportar diretamente para o país operando através de agentes comerciais estabelecidos na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Josua Hasenclever logo percebeu que era mais eficiente fundar

⁵ OEHM, op. cit.; p. 12.

⁶ TREU, Wilhelm. *Gesellschaft, Wirtschaft und Technik Deutschlands im 19. Jahrhundert*. Stuttgart, Ernst Klett, 1982; p.16 – 21. (*Gebhardt Handbuch der deutschen Geschichte*, Band 17)

⁷ OEHM, op. cit., p. 20.

⁸ Sobre a fundação da Rheinisch-Westindische Kompagnie ver OEHM, op. cit., p. 21- 47.

⁹ SCHMOECKEL, Gisela. „Skizzen, Tagebücher, Geschäftsbriefe. Die Reisen des jungen Exportkaufmanns Ernst Hasenclever“. In: *Bergischer Almanach, Heimatjahrbuch der Bergischen Blätter*. Wuppertal, Bergische Blätter Verlag, 1992.

uma sucursal na capital do Império e, em 1830, enviou seu sobrinho Johann Gottfried Hasenclever (1806-1865), que havia trabalhado alguns anos na firma em Ehringhausen, para o Rio de Janeiro onde chegou em 28 de setembro com algumas mercadorias e logo abriu, na Rua do Sabão, uma filial que deveria importar e revender não só as mercadorias produzidas pelas firmas Hasenclever, mas também aquelas produzidas por outros amigos industriais da mesma região. De início, sua permanência no Brasil seria de três anos, mas Gottfried acabou ficando 22 anos. Voltou para Ehringhausen somente em 1852.¹⁰

Após a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, em 1808, a cidade passou por grandes transformações, tornou-se o centro político, econômico e cultural do Império Português e, mais tarde, do Brasil. Seu crescimento rápido aumentou a demanda de novos produtos.¹¹ As firmas alemãs, principalmente depois da independência brasileira em 1822, apressaram-se para adquirir pelo menos uma parte desse mercado promissor. Mesmo em 1830, o comércio no Rio de Janeiro era precário e a indústria, quase inexistente.¹² Não havia estabelecimentos especializados, sendo as lojas verdadeiros bazares que ofereciam de tudo. A prática na cidade era a do comércio misto, que atendia melhor às necessidades da população. A procura por bens de consumo, principalmente pelos produtos industrializados, crescia a olhos vistos. Gottfried Hasenclever percebeu que não era possível vender apenas produtos de cutelaria e de ferro em geral e diversificou seu estoque. Sua loja passou a oferecer, então, além dos produtos da matriz de Remscheid, tecidos e sedas provenientes da cidade de Wuppertal e os conhecidos brinquedos de Nüremberg.¹³ Cinco anos mais tarde, sua casa havia prosperado de tal maneira que foi necessário pedir ajuda à matriz. Em 1837, a Casa de Remscheid enviou Ernst Hasenclever, segundo filho de David Hasenclever, para ajudar Gottfried no Rio de Janeiro. Era, na época, um rapaz de apenas 22 anos.

Fazia parte da tradição familiar dos grandes comerciantes alemães enviar seus filhos para realizar viagens ao exterior quando esses atingiam a idade de entrar nos negócios da família. O intuito era de que eles pudessem, com a experiência, amadurecer antes de iniciarem o trabalho na matriz.¹⁴ Hermann Hasenclever (1810-1852), filho de Josua, por exemplo, passou uma grande temporada em Nova York, de onde foi mandado para o Rio de Janeiro, quando Gottfried pediu colaboração em 1837. Sua estadia na cidade foi de apenas 4 meses. Voltou logo para Remscheid, pois a matriz necessitava de sua ajuda. Em 20 julho de 1837, Ernst Hasenclever deixava Remscheid e iniciava sua longa viagem com destino ao Rio de Janeiro para ajudar Gottfried. Viajou em uma diligência para Hamburgo via Düsseldorf, Münster e Bremen durante três dias. Lá embarcou no dia 28 de julho no brigue 'Boa Christina' e, depois de 79 dias de viagem em alto-mar, aportou na capital do Império do Brasil.¹⁵

Ernst registrou em seu diário sua viagem marítima. Seguem algumas passagens, traduzidas e publicadas em 1930 no livro comemorativo dos cem anos da casa *Hasenclever & Cia no Rio de Janeiro*:

"Somos tres passageiros a bordo. O barco pertence á classe dos brigues maiores. Mas não é grande. No convés, quasi não sobra espaço para fazer-se passeios. Mesmo assim, passamos ali a maior parte do tempo. O camarote é de tamanho apenas sufficiente. Um sofa, coberto de môfo, é o único movel que nelle existe. É um logar escuro e onde se respira mal. Não ha onde arrumar nem os objectos de uso. Tudo tem que ficar nas malas. As camas estão feitas á maneira de armarios de parede. A madeira é podre e suja. É impossivel limpá-las e arejar as cobertas, o que nos impede de acabar com os insectos que não nos deixam dormir. Pela manhã, recebe-se a visita de um menino. Traz agua do mar para lavar-se o rosto e um copo de agua doce para a bocca. É a unica 'toilette' que se pode fazer a bordo. E ainda estamos com muita sorte.

Quem vai para o mar, avia-se em terra. O mestre do 'Boa Christina' fez assim. E por isso não corremos o risco de ficar sem provisões de boca. Além de muito pão, legumes e outros víveres communs, temos tres porcos, uma ovelha, quatro

¹⁰ *Hasenclever & Cia., Rio de Janeiro 1830 -1930*. (Não constam nome do autor e da editora) ; p. 15-17.

¹¹ Em 1799, a cidade do Rio de Janeiro tinha 43 mil habitantes. Em 1821 este número subiu para 79 mil. ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada no Império, in: *História da Vida Privada no Brasil: Império* (vol. 2)/ Organizador do volume ALENCASTRO, L. F. – São Paulo, Companhia das Letras, 1997; p. 13.

¹² Sobre a cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX ver ALENCASTRO, op. cit., p.11 – 93.

¹³ JUNG, op. cit., pp. 172.

¹⁴ SCHMOECKEL, op. cit.

¹⁵ *Hasenclever & Cia. ... pp. 22-23*.

gansos, dez patos e cinquenta gallinhas, mais ou menos. Ha tambem quatrocentas garrafas de vinho tinto e cem de saborosa cerveja. Temos, ainda, dois cães, tres gatos e uma cabra. Tirar o leite desta e brincar com os outros, são o único divertimento que encontramos até aqui.

A 1 de agosto avistamos Dungeness. Um piloto inglez vem a bordo. Desde a partida era o primeiro contacto que tínhamos com um ser vivente. Dá-nos notícias do mundo e leva nossas cartas para o correio. Depois, a viagem continuou na mesma monotonia do costume. O vento é sempre contrário. Só no dia 3 passamos por Beachy Head. Chove. A 5, o tempo melhora. Ha sol. A 'Boa Christina' recebe uma surpresa: lavagem e limpeza do convés.

Estamos começando a soffrer contra-tempos. A cosinha ficou intoleravel. Comida ruim. O pão está bolorento. E porque já não preste, ninguém se impressiona em saber que está quasi se acabando. Apesar de tudo, tem se comido com apettite. Metade dos ovos já se foi. Peixe, não existe mais. Graças a Deus a cabra fez boa camaradagem connosco e ainda nos fornece leite fresco. Estamos cheios de tédio. Sem ocupação e com o navio pulando como um cabrito, nossa vida é enfandonha. Nossa única distração é ver os animais comerem e dormirem, cousas que fazem sempre juntos. Vi, dentro de uma barrica, como bons amigos, fazendo sua sêsta, dois porcos, dois cachorros e tres gatos. Curiosa amizade. Não ha nada como a solidão para fazer que inimigos irreconciliaveis, procurem na paz o bem estar commum.

Estamos perto de Cherbourg. É o dia 6 de agosto. Vento forte de pôpa. O navio está mais veloz. Estamos com saudade do pão. Tenta-se faze-lo com trigo no dia 14. Insucesso. Só foi possível conseguir pão de centeio. A 19, avistamos Madeira e Porto Santo. A 22, a vida está ficando insupportável. O tempo é bom, mas o calor asphyxia. Aquecidos, os beliches estão cheirando mal. Recebem, do pôrão, uma grande quantidade de baratas. Ellas parece que se dão bem a bordo. São grande e esvoaçam por todo o compartimento, com modos muito contentes. E porque haja muita barata, não ha somno nenhum... Hoje é o dia 23. Avistamos Palma. A 24, o calor é africano. Não ha vento. Nem a mais leve aragem vem nos confortar. Suffoca-se. Todos estão num grande abatimento. Ninguém tem ânimo de procurar os beliches. Porque o cheiro delles, agora, é simplesmente nojento, supplício que, de dia para dia, vae ficando cada vez mais forte. Em 30, vimos a Ilha de Santo Antonio de Cabo Verde. Acabou o mez de Agosto. Que será de nós no que vae começar agora? (...)

De 24 a 26 (de Setembro), o vento enfraqueceu e a 27 a calmaria é absoluta. Estamos irritados. A 'Boa Christina', sem impulso, balouça sobre as aguas mansas. Não houvesse esse retardamento, e poderíamos, dentro de cinco dias, chegar ao porto do Rio de Janeiro.

Ao meio dia de 28, sopra um vento rapido e forte que se prolonga durante toda a noite. Deixamos para traz os Abrolhos, fazendo boa marcha. A 29, temos peixes voadores no cardapio. Cahíram no convéz e foram acabar os seus dias na panella. Agora, o vento cessou novamente. Nossa alegria durou pouco. Um dia e uma noite ficamos paralysados. E o 30 de Setembro veio nos encontrar inermes em meio da completa calmaria.

Estamos com as velas cheias. O mez começa bem. A 2 de Outubro, forte e impetuoso Nordeste empurra o navio. Navegamos com uma velocidade de oito milhas marítimas. A 3, o vento é norte e andamos razoavelmente. Temos ainda 20 minutos de latitude a viajar e, como passamos Cabo Frio, é muito difícil bordejar contra o vento que sopra, tomamos o rumo noroeste. Se continuarmos nessa marcha, amanhã teremos terra á vista.

4 de outubro. – Falhou a esperança! O vento acabou. O mar está liso e nebuloso. Uma chuva muito fina completa o aborrecimento que nos enfastia. A corrente, vinda do oeste, deslocou o barco de $2 \frac{1}{2}$ grãos para léste. Verificamos isto, hontem, pela lua, que mudou de phase. (Enquanto é lua nova, não podemos encontrar a longitude sem chronometro). Temos que vencer, ainda, de dois a cinco grãos, no mínimo, ou sejam 75 milhas allemãs.

5 de outubro. – Estamos lutando com violenta tempestade de ventos circulares. Quando amainar a borrasca, vamos ver se conseguimos apanhar alguns delphins. Jogamos o harpão e fígamos dois delphins enormes. Tambem deitamos ao mar um anzol com toucinho para pegar andorinhas. O anzol não adeantou cousa nenhuma. Porque, sem elle, içamos tres qüe se embarçaram no fio. São aves

pequenas, espertas e engraçadas.

Estamos com setenta e sete dias de viagem. Quando chegaremos ao fim? Nossa ansiedade não tem limite. E vamos matar o tempo tentando fisgar outros delphins

...

6 de outubro. – Na noite de ontem caçamos mais tres. Todos tinham no estomago peixes voadores bem conservados. Estamos sem brisa. A noite está sendo calma. Ha, em tudo, a bordo, um silencio de morte. A ‘Boa Christina’ immobilizou-se. Pela madrugada temos a agradável visita de um vento forte. Pouco depois começa um temporal. A chuva alagou o camarote. Dizem-nos que estamos perto de Cabo Frio. Se eu tivesse a certeza de que aquella seria a ultima noite de martyrio, não teria resmungado tanto dentro do camarote que a chuva encharcou.

7 de outubro. – Ha uma grande cerração. Á frente, nada se vê. Nem de lado nenhum. Tudo está coberto por uma espessa cortina de bruma. E nós não vimos Cabo Frio nem cousa nenhuma. Estavamos inquietos. E o desassocego augmentou quando o capitão informa ter perdido o rumo. O temporal da noite fôra tão violento que a ‘Boa Christina’ fôra atirada para longe do seu roteiro. No momento era impossível conhecer a posição exacta do navio que, certamente, já havia deixado Cabo Frio para traz.

Costa!

Horas depois, aclara-se um pouco o horizonte. O sol está vencendo o nevoeiro. Ao longe nossos olhos divisam, num contentamento indizível, as sombras de várias escunas que seguiam o nosso próprio curso. Depois, numa distancia que os olhos mal fixavam, formam-se manchas escuras. Era a Costa! Explodem expansões de jubilo. Os corações batem aceleradamente. É um momento de fortes emoções. Reconhecíamos o litoral brasileiro. Agora já se divisa a gigantesca silueta do Pão de Assúcar. Depois, a ilha Raza e, finalmente, a barra do Rio de Janeiro. Todos nós corremos aos beliches. Reunem-se os objetos de uso. Ha, em tudo, uma pressa incontida. Fecham-se malas. E cuida-se, enfim, de arranjar, com uma ‘toilette’ a capricho, phisionomias de gente civilisada. Estamos todos num camarote. Não ha cerimônias nem acanhamentos. E tudo se transforma. Porque, pouco depois, cada um de nós está completamente diferente do que era. Chegava o momento da despedida. E eu me commovi com a expectativa da separação inevitavel. Tanto tempo vivemos juntos, partilhando as mesmas alegrias e as mesmas provações. E agora tínhamos que seguir, cada um o seu destino, dispersados pela vida na immensidão da Capital do Imperio. Às 6 horas, singramos a Bahia. Chama-nos a fortaleza de Santa Cruz. Partem avisos para terra. E logo depois vimos apparecer no morro semaphorico da cidade, o sinal da bandeira de Hamburgo.

A impressão que senti é inenarravel. Só mesmo quem passar setenta e nove dias em plena immensidão do oceano, vendo sómente céu e agua, exposto a tormentas e amargando o horror da solidão, poderá comprehender a emoção que empolga o navegante ao avistar terra firme. Nunca mais hei de esquecer o arrebatamento que senti.”¹⁶

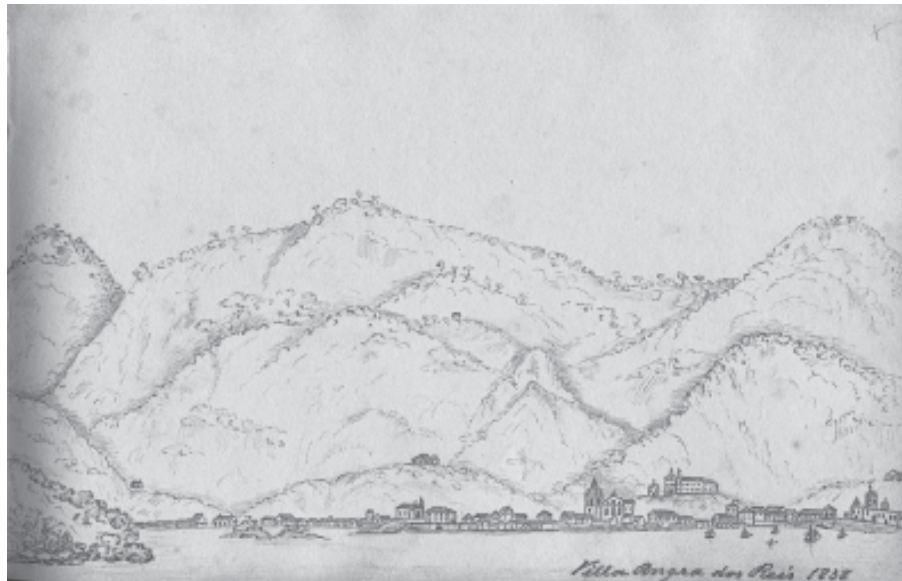
Ernst ficou hospedado na casa de Gottfried, com quem trabalhou até 1844. Durante esses sete anos, empreendeu várias viagens pelo país. Em abril de 1838 foi a São Paulo, em julho de 1839 visitou as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais e, em 1840, esteve na colônia suíça de Nova Friburgo e em Cantagalo. As viagens eram realizadas em lombo de burro, mas a sua primeira, do Rio de Janeiro a São Paulo, foi feita de navio, pela costa até Santos e, depois, a cavalo até São Paulo. Junto com o relato dessa viagem, na qual nos deteremos, desenhou algumas vilas situadas no trajeto, como Angra dos Reis, Parati, São Sebastião e Santos.

Ernst decidiu viajar para São Paulo na Páscoa, período de poucas atividades comerciais no Rio. Segundo ele, isso se devia não só aos inúmeros feriados e festas religiosas, mas também, à paralisação da navegação na Europa, diminuindo o fluxo de mercadorias ao país. Além disso, o mês de abril, conhecido como um mês de temperatura amena, convidava a uma viagem marítima. Foi aconselhado, por um alemão de Hamburgo, que residia no Rio, a fazer essa viagem no barco a vapor que regularmente percorria a costa. Seu primo Gottfried incentivou-o, pois teria a companhia de outros alemães, que também iam a Santos. De início, Ernst

¹⁶ Hasenclever & Cia.; pp. 27 – 36. Mantive o texto com a ortografia original que foi publicado em 1930. Infelizmente não consta o nome do tradutor.

teve que providenciar um passaporte com o Juiz de Paz que lhe custou 1000 réis, para depois poder comprar e reservar um lugar no barco, o que lhe custou 40.000 réis até a cidade de Santos, uma viagem de 40 horas de duração. Achou incômodo ter que providenciar sua própria alimentação. No navio só havia água quente, pois a companhia resolvera suspender o serviço de cozinha, já que a maioria dos passageiros era brasileiros e portugueses, e esses preferiam levar o seu farnel que constava de farinha e algumas frutas.

O grupo era formado, além de Ernst, por mais três senhores: Friedrich Fröhlich, um senhor de 50 anos, proprietário em Cantagalo de uma plantação de café, o Sr. Schmidt de Hamburgo e o Sr. Setzleiden. Cada um carregava em sua bagagem salsichas, galinhas, presuntos, vinhos e *bom humor*. Embarcaram no dia 10 de abril, às 3 horas da tarde, em um dia ensolarado, mas com tempo duvidoso. Com a ajuda de um escravo, propriedade de Fröhlich, acomodaram-se no barco *Paquete do Norte*. Após o controle dos passaportes, o navio deu partida e logo se encontrou em mar aberto depois de passar pelo forte de Santa Cruz e dobrar o Pão de Açúcar. Ernst ficou maravilhado com as margens altas do litoral cobertas de florestas. Alguns minutos depois da meia noite, os passageiros foram acordados. Haviam chegado a Baía de Mangaratiba, a primeira estação da viagem. Alguns passageiros foram levados a terra por uma canoa conduzida por alguns negros, que traziam a bordo outros passageiros. Ernst esclarece que Mangaratiba era uma vila pequena, mas um porto importante, local de armazenamento do café da região, que era embarcado para o Rio de Janeiro. A segunda parada foi em Angra dos Reis, vila maior que Mangaratiba, igualmente um porto importante que enviava café para a capital do Império. Ernst aproveitou a parada de uma hora para fazer um esboço de Angra em seu caderno de desenho, pois, segundo ele, queria manter presente em sua memória a imagem agradável da vila e da natureza a sua volta.

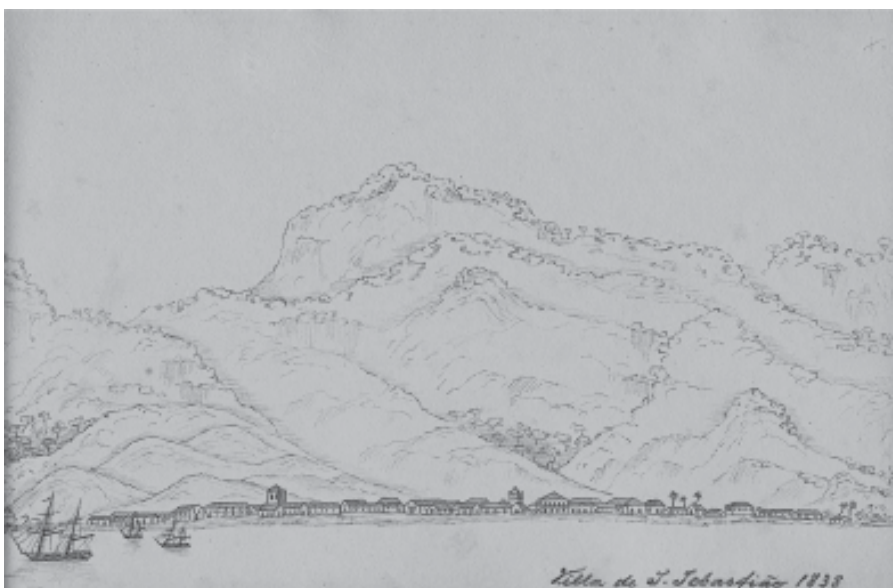


HASENCLEVER, Ernst. *Villa Angra dos Reis*. 1838.



HASENCLEVER, Ernst. *Villa de Parati*. 1838.

No dia 12, a viagem foi bastante longa, sempre entre inúmeras ilhas e o continente até a vila de Parati. Ernst comenta, em seus relatos, que a Serra de Parati não chega até o mar. Há uma área entre a serra e o mar, e os olhos do visitante se voltam logo para as pobres choupanas em meio a um imenso laranjal. Devido ao temporal, que se abateu sobre Parati, os passageiros foram obrigados a desembarcar. Levados por um barco à Praia da Taoca, Ernst explica que este vilarejo, formado por poucas cabanas, era habitado por cerca de 200 pessoas de cor branca, sendo uma parte formada por descendentes de índios. Os habitantes, surpresos com a visita, aglutinaram-se em volta dos estranhos e venderam-lhes, por pouco dinheiro, ovos, frutas, cana-de-açúcar, etc. Com a melhora do tempo, eles voltaram ao navio e prepararam uma boa refeição. Ernst escreve que em Taoca viu crianças, totalmente nuas, brincando na areia e correndo pela praia, “o que não as diferenciava muito de macacos.”



HASENCLEVER, Ernst. *Villa de S. Sebastião*. 1838.

A viagem continuou longe da costa, pois, o mal tempo levou o navio a se dirigir para o alto mar. No dia 13, às 2 horas da tarde, avistaram São Sebastião, local formado pela terra firme e uma alta ilha. O mar estava calmo e com isso os passageiros que haviam enjoado durante a viagem se reanimaram. O navio ancorou na vila de São Sebastião e Ernst, encantado com a vista, pôs-se a desenhá-la. O capitão decidiu esperar o próximo dia para zarpar na esperança de que o tempo melhorasse. O grupo de Ernst resolveu visitar a cidade e se surpreendeu diante do fato de que todos os estrangeiros no país eram chamados de ingleses. A cidade estava repleta de pessoas dos mais variados tipos e estava sendo preparada para a procissão da Sexta-feira da Paixão. Segundo seus comentários, a cidade era bem pobre, com ruas largas, mas não pavimentadas; casas baixas e poucas janelas com grades de madeira. Felizmente, uma das janelas estava aberta - coisa rara no Brasil - e os visitantes puderam ver uma bela jovem que se vestia para a procissão. A curiosidade do nosso jovem tornou-se aguçada: o que será que se escondia atrás das demais janelas? A procissão já dobrava a esquina, e Ernst comenta o triste destino das moças, tanto no Brasil quanto na Europa, que acabam perdendo o melhor da festa devido à demorada *"toilette"*.

No dia 14, prosseguiram viagem e, depois de uma noite navegando em mar revolto, chegaram à desembocadura do rio, de onde tiveram acesso à cidade de Santos após uma hora de navegação. Ernst explica que, situada em uma ilha, Santos é separada do continente por um canal, que ele chama de rio, formado por água do mar que corre em direção à terra e por água doce que corre em direção contrária delimitando uma área de 5 milhas quadradas onde está localizada a cidade de Santos. A água barrenta do canal é alimentada, em tempos de chuva, por inúmeras pequenas correntes que vêm das montanhas, tornando-a menos salgada. Com uma profundidade de 100 pés, é um dos melhores portos naturais, podendo ser utilizado por navios de todos os calados. Ernst observou que, em algumas colinas ao redor de Santos, havia plantações de café. A cidade, com uma população de 4.000 a 5.000 habitantes, possuía construções desde barracos até casarões e, a seu ver, Santos era *"a mais bela desordem"*. As ruas não eram pavimentadas, e todo o esgoto da cidade corria pelo centro. Com a chuva, formavam-se grandes poças de água onde os porcos, criados em massa e livremente pela cidade, chafurdavam.

Ernst e seus companheiros de viagem ficaram hospedados no único hotel da cidade que possuía quartos *"passáveis"*, limpos e onde havia um cardápio que continha *"beefsteak"* com batatas, para a alegria de todos. Eles assistiram à malhação de Judas, festa popular da Semana Santa e Ernst, numa pequena descrição do desenrolar da festa, considerou o tipo de música, tocada pelos negros na ocasião, como *"bárbara"*. Expressou seu descontentamento quando viu a participação ativa dos escravos nos festejos dizendo que, quem os visse naquele momento, levantaria a voz contra a *"exploração injusta sofrida por essa classe de seres humanos"*.

Ernst comenta que a maioria dos habitantes de Santos vivia do açúcar e do café trazidos do interior, ou então, de outras atividades ligadas à exportação e importação que movimentava cerca de 6.000 sacas de café e 600.000 arrobas de açúcar.¹⁷ Dessas, uma parte era enviada para o Rio de Janeiro, outra, diretamente para Buenos Aires e ainda outra para a costa oeste do continente. Para o sul da Europa eram enviadas de 20 a 30.000 sacas de café. Ernst comenta que a qualidade do produto era muito ordinária para ser enviada ao norte da Europa, o que eles puderam comprovar após terem visitado alguns armazéns. No entanto, o açúcar de Santos gozava de melhor reputação e se diferenciava do açúcar do Rio de Janeiro e de Campos, pois, segundo as informações obtidas por Ernst provavelmente de dois comerciantes de Hamburgo estabelecidos há anos na cidade, o açúcar era ensacado antes de ser embarcado. Além dos dois comerciantes hamburgueses, os Srs. Backhäuser, o grupo teve a oportunidade de conhecer o Sr. Louis Vergueiro, também estabelecido em Santos e que havia morado 10 anos na Alemanha e servido, *"por livre espontânea vontade"*, o 13° Regimento de Infan-

¹⁷ Ernst não especifica se esta quantidade era anual.

taria em Düsseldorf e, segundo Ernst, “esse antigo infantarista prussiano comandava agora uma parte da Guarda Nacional da sua cidade”.¹⁸



HASENCLEVER, Ernst. Santos. 1838.



HASENCLEVER, Ernst. São Paulo. 1838.

Ernst e seus amigos decidiram partir no dia 17 para São Paulo e, para isso, necessitavam de bons animais para percorrerem um caminho muito íngreme e pavimentado com grandes pedras. Para se chegar a São Paulo, era necessário subir a serra de 3.200 metros de altitude (sic), que se localizava a 3 léguas da cidade de Santos. Através de um brasileiro que haviam conhecido na cidade – o Sr. João Octavio Nebies – conseguiram alugar, de um fazendeiro do vilarejo de São Bernardo distante 9 léguas de Santos, 6 muars fortes e treinados. O grupo partiu às 6 horas da manhã. Ernst descreve o belo trajeto até o início da serra, onde passaram por uma floresta pantanosa e cujo caminho se encontrava bem conservado. Ficou impressionado com a riqueza da mata. Viram papagaios, corvos, cegonhas e uma bela espécie de pato. Lamenta não terem visto nenhum “allegatores” que, segundo ele, existia em grande quantidade nessa região. Em compensação, puderam ver uma espécie rara de flamingo branco.

¹⁸ Trata-se provavelmente do segundo filho do Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Luiz P. de C. Vergueiro. Ver ZIEGLER, Béatrice. *Schweizer statt Sklaven. Schweizerische Auswanderer in den Kaffee-Plantagen von São Paulo (1852-1866)*. Stuttgart, Steiner, 1985, p. 444

Antes de chegar à pequena vila de Cubatão, o grupo passou por duas pontes sobre os dois braços de rio que corre em direção a Santos. A última delas era vigiada por soldados e, para utilizá-la, foram obrigados a pagar uma taxa. Logo em seguida, deu-se início à subida da serra, bastante íngreme. Quando pararam para descansar e comer, um maltrapilho se aproximou do grupo e, para espanto de todos, falava alemão e era um tecelão de Mecklenburg que havia imigrado para o Brasil. Ernst relata, num comentário à parte, que havia muitos alemães no Brasil vivendo em situação precária, à procura de pão e trabalho.

Às 3 horas da tarde, chegaram à casa de um fazendeiro em São Bernardo para pernoitarem, conforme o previamente combinado. Nesse percurso de 9 léguas de Santos a São Bernardo, cruzaram com cerca de 1800 a 2000 muares que às vezes formavam tropas de 300 a 400 animais, bloqueando a passagem. Essas tropas eram guiadas por tropeiros montados a cavalo, na sua maioria índios e homens com uma *“aparência selvagem”*, sempre armados e acompanhados por grandes cães. Os tropeiros, para o espanto de Ernst, recebiam apenas de 4 a 5 mil réis para percorrer este caminho de ida e volta perfazendo um total de 20 a 30 milhas. O governo havia construído ao longo da estrada ranchos para abrigar as tropas. Mas para eles, viajantes estrangeiros, a hospedagem que convinha era a de residências particulares e, para isso, necessitavam de bons contatos e de cartas de recomendação.

No dia 19, logo pela manhã, deram prosseguimento à viagem. Ernst ressalta que a paisagem lhe lembrava a de sua terra natal, Ehringhausen, uma região montanhosa com prados grandes ou pequenos, intercalados por florestas e campos. A única grande diferença, comenta ele, são os enormes formigueiros de barro construídos por uma espécie de formiga preta e grande chamada de térmita. Ficou muito impressionado com a quantidade, o tamanho e com a dureza do barro desses *“formigueiros”* construídos *“em cima da terra”*. Faz uma longa descrição deles e, como pôde ver um parcialmente destruído, detém-se no relato da perfeição da sua construção interior.

Depois de 3 horas de cavalgada, depararam-se com um pelotão de soldados que ia, através do Porto de Santos, embarcar com destino ao Rio Grande do Sul.¹⁹ Estavam bem organizados, mas o que chamou a atenção de Ernst, foi o fato de os soldados serem acompanhados por muitas *“mulheres de todas as cores”*. Entre eles, havia alguns que falavam alemão e, pela aparência, o pelotão era formado por soldados de quase *“todas as nações”*. Logo em seguida, ao circundar a montanha, avistaram a cidade de São Paulo e se surpreenderam com o que viram: inúmeros mosteiros, igrejas e outras torres que davam a impressão de uma cidade mais populosa que os 10.000 habitantes de então.

Em São Paulo, como em Santos, havia apenas uma hospedaria, propriedade de um francês que era um *“gourmand”* e que só os aceitou por terem apresentado uma carta de recomendação. Ernest descreve as casas da cidade como tendo no máximo dois andares e telhados com beiral bastante largos. Assim, em dias de chuva, os moradores podiam andar pela cidade sem se molharem. As ruas eram largas, bem pavimentadas, mas sem calçada o que lhes dava a impressão de serem mais largas que as do Rio, o que não eram. Visitaram a universidade que ficava no prédio do antigo mosteiro dos franciscanos. Nela, só havia cursos de Filosofia e de Direito e 40 estudantes perfaziam o total de alunos matriculados naquele ano. As aulas, ministradas por 10 professores, eram dadas parte em francês e parte em português. A cidade possuía um jardim botânico, e as inúmeras chácaras existentes nas colinas ao seu redor (em uma delas habitava o antigo regente Feijó), davam-lhe um ar animado. Ernst achou São Paulo a cidade mais maçante do mundo e isso o surpreendia, pois era uma *“cidade universitária”*. Comenta que o visitante não deveria esperar encontrar em São Paulo a vitalidade das cidades universitárias européias e que aí o caráter tímido dos brasileiros era ainda mais acentuado do que no Rio de Janeiro. Além das ruas vazias, todas as janelas do andar térreo das casas eram guarnecidas por grades grossas de madeira em vez de vidraças dando a impressão aos visitantes de estarem passando

¹⁹ Provavelmente estavam sendo enviados para lutarem na Guerra dos Farrapos (1835-1845).

diante de mosteiros. As noites eram mais frias do que nas cidades costeiras e, devido a isso, seus habitantes, tanto as mulheres quanto os homens, costumavam usar casacões espanhóis largos e chapéus enfiados até os olhos. Nas noites frias e escuras, os habitantes, segundo Ernst, acreditavam não necessitarem de iluminação nas ruas e “o perigo de se quebrar o pescoço” era grande. Ele, um jovem acostumado com a vida noturna em sua terra, já havia estranhado os costumes no Rio, onde 10 horas da noite era como 1, 2 horas da manhã nas grandes cidades européias. Mas, em sua opinião, não havia nada comparável a São Paulo. Depois das 8 horas da noite, o silêncio na cidade era sepulcral e, de acordo com as informações obtidas, não era mais possível fazer visitas, pois se arriscava a encontrar os donos da casa dormindo ou em trajés caseiros. Nas palavras de Ernst, mesmo os brasileiros ricos do interior do país não tinham o costume de ficar bem vestidos em casa ou mesmo calçados com as suas botas. Como os demais viajantes alemães, também ele achava que, devido ao clima mais ameno, os paulistas tinham uma aparência mais saudável que os demais brasileiros, e as paulistas tinham fama de serem mulheres bonitas, com que Ernst concordava.



HASENCLEVER, Ernst. *São Paulo. Universidade. 1838.*

Ernst visitou em São Paulo um velho freguês, o sueco Hagström, que era o principal comprador de tecidos de Wülfing. Ouviu de Hagström que a mais importante atividade comercial da cidade era a criação de gado, pois havia bons pastos nos seus arredores. Achou interessante o fato de as vacas só serem ordenhadas na presença de seus bezerros. Em consequência, os bezerros eram mantidos, o maior tempo possível, com suas mães, sendo assim a carne de vitela uma raridade. Ernst achou o leite e a carne da província de boa qualidade, porém o pão, além de caro, era praticamente inexistente. Em seu lugar, usava-se um tipo de rosca proveniente das regiões costeiras feita com farinha americana bem fina. Muares e cavalos eram criados e comercializados, e um jovem animal de boa qualidade podia custar de 80 a 100 mil réis, mas o transporte dos animais, por exemplo, até o Rio de Janeiro que levava de 20 a 24 dias, tornava o preço mais alto. A cidade armazenava café e açúcar provenientes das fazendas do interior distante 15 a 20 léguas da capital. Para Ernst, essa era a razão da pouca quantidade de escravos na cidade de São Paulo em comparação com as demais e, provavelmente sua referência era a capital do Império, única cidade que até então conhecia. Comenta ainda que outro produto típico da província era o famoso chá parecido com o chá oriental e as mantas de algodão grosseiro, e para que sua qualidade pudesse ser melhor avaliada, enviou duas para casa. Curioso e compreensível é o comen-

tário que fez a respeito da maioria dos moradores de São Paulo: “viviam *de não fazer nada, bem ao modo brasileiro*”.

No dia 20 de abril, Ernst aproveitou para fazer alguns desenhos de São Paulo. Ficou encantado com a construção ampla, em estilo chinês, do Convento da Luz, perto do Jardim Botânico. No dia seguinte, o grupo deu início à viagem de retorno a Santos, pois a partida do vapor com destino ao Rio estava marcada para o dia 26. Por volta do meio dia, chegaram a São Bernardo onde ficaram hospedados na mesma fazenda do Sr. Bonilho, que os convidou para conhecê-la. A fazenda possuía por volta de 80.000 pés de café e um belo laranjal.

Dois dias depois, em um domingo, Ernst foi acordado, antes do amanhecer, por um canto melódico entoado por muitas vozes. Seu amigo Fröhlich, um abastado proprietário, explicou-lhe que uma multidão de negros havia se juntado ao redor da casa-grande para assistir à missa.

O dia amanheceu nublado e cinzento. O grupo preparou-se para partir. Agradeceram a amável hospedagem e, só naquele momento, puderam ver a dona da casa que, conforme os costumes do país, apareceu à janela para uma rápida despedida. Voltaram a Santos e de lá, ao Rio de Janeiro. Chegou ao fim a primeira viagem empreendida no Brasil por este jovem comerciante. Outras se seguiram e foram por ele documentadas.

Ernst Hasenclever não tinha a pretensão de publicar seu diário e tampouco seus desenhos. Escreveu e desenhou para si e para seus familiares e anotou o que lhe parecia interessante, diferente e pitoresco. Ele relatou nessa sua viagem do Rio de Janeiro a São Paulo, pequenos detalhes como a preparação da viagem costeira, preços e tipo de produção existentes nos locais pelos quais passara. Ficou maravilhado com a paisagem, fez comentários sobre os costumes do país, estranhou a reclusão das mulheres, a falta de vida social na cidade de São Paulo e a injustiça do sistema escravocrata e, por fim, descreveu uma das festas populares do Brasil e estranhou sua música. Ernst, mesmo não sendo cientista, artista, diplomata ou militar, fez parte dos inúmeros europeus que estiveram no país na primeira metade do século XIX e, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, colaborou para o novo “descobrimento” do Brasil.²⁰ E, só o fato de o jovem Ernst ter visto e descrito com seu olhar estrangeiro a natureza, a sociedade, os usos e costumes dos brasileiros faz com que seus escritos e desenhos despertem, ainda hoje, nosso interesse.

Artigo recebido em 29/06/2008 e aprovado em 12/12/2008.

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. A Herança Colonial – Sua desagregação; in: *História Geral da Civilização Brasileira*. (Tomo II, O Brasil Monárquico, vol. 1). São Paulo, Rio de Janeiro, DIFEL, 1976. p. 13.